

A autonomia da incapacidade

Nicolas Beidacki¹

Fernanda Vieira Fernandes²

Introdução

O presente artigo tem como proposta estabelecer e analisar de forma breve e inicial, a partir das impressões de um licenciando em formação, possíveis conexões e fragilidades na relação entre a preparação discente da Universidade Federal de Pelotas, no curso de Teatro – Licenciatura, e os retornos absorvidos em sala de aula através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência interdisciplinar do Instituto Estadual de Educação Assis Brasil nos dois semestres de 2017. O texto aborda os conceitos de autonomia gerenciada e pedagogia da condução – dentro das salas de aula do ensino médio – passando pelo conceito de ócio criativo de Domenico De Masi, no que tangencia o âmbito escolar e a preparação para o mundo do trabalho, para, por fim, construir um diálogo com o conceito de individualismo de Oscar Wilde, presente na obra *A alma do homem sob o socialismo*.

Ideias iniciais sobre a escola e seus modelos educacionais

Quando me reconheço como autônomo, vejo-me como incapaz. Poderia caracterizar com tal frase a primeira reflexão feita após presenciar as tensões existentes entre aquilo que aprendo e o que estou capacitado a ensinar. Como estudante de licenciatura, aprendo porque me ensinam, mas aprendo porque sinto prazer. Com tal afirmativa cria-se, por conseguinte, o primeiro diálogo existente entre a minha atividade de futuro professor e a barreira já imposta por anos de estrutura escolar aos alunos que absorverão de uma maneira ou outra o conteúdo que me dispus a lecionar, contudo, como já elucidado em alguns índices de pesquisas nacionais, apresentando um número muito baixo nos parâmetros de satisfação pessoal.

¹ Licenciando em Teatro na UFPel; Bolsista PIBID no subprojeto Teatro da UFPel; e-mail: nicolas_curso@hotmail.com.

² Orientadora.

Estamos, porém, independentes de tal índice, ambos em salas de aula, nós pibidianos exercendo o duplo papel de aluno-professor, e os alunos de ensino médio exercendo seu papel como corpo discente e formadores de opinião. Dessa forma, o contraste entre o que aprendo e o que consigo ensinar não reside apenas na fronteira de tal disposição – aluno/professor –, mas na postura na qual me coloco enquanto representante de uma categoria, que, ao longo do convívio escolar, se vê com certa fragilidade nas elaborações curriculares do ensino médio de todo país. É um ambiente hostil, na sua característica singular de ameaçador, o que nos propomos a enfrentar semanalmente. Deslocamo-nos de um caráter universitário, com uma determinada estrutura de apoio oriunda do curso com o qual estamos em contato durante a graduação, para adentrar um espaço físico que por muitas vezes não reconhece nossa área (o teatro) como contribuinte para o que a escola se propõe a ser, a base formadora do mercado econômico.

Tal mercado tem contribuído para o despreparo do ambiente escolar no que diz respeito ao recebimento de conteúdos artísticos, visto que, salvo raras exceções, não se preocupa com a formação de um indivíduo, mas, sim, com o desenvolvimento de uma parte da estrutura mercantil do mundo do trabalho. Nesse sentido, é necessário direcionarmos nosso olhar de pesquisa para as estruturas curriculares que, ao se disporem em grades, demonstram o funcionamento e o pensamento estrutural que já está arraigado na concepção do que é a escola: um passo inicial para o desenvolvimento do pensamento mercantilizado.

Essa estrutura está formulada, pois não se conseguiu ao longo dos anos distanciar ou diferenciar a escola das estruturas educacionais que virão após o término do ensino médio, tais como as universidades e os cursos técnicos. É uma escola que não existe por ela mesma, é uma instituição que se formula para preencher necessidades posteriores, vide a preparação exaustiva para os vestibulares – que contribuem para a construção do pensamento engavetado em disciplinas – e os cursos técnicos associados ao ensino médio. Dessa forma, estamos selecionando dentro da escola alunos que estejam aptos para ingressar nas instituições posteriores e não exatamente os preparados para o convívio humano, a elaboração do pensamento crítico, o exercício da dialética, a sensibilidade artística e a construção de sua própria identidade.

Esse pensamento de uma escola mercantilizada tem gerado uma série de problemas estruturais no desenvolvimento do pensamento educacional. Seguem-se alguns com os quais irei dialogar ao longo deste trabalho: a formação de professores nas universidades federais – em especial os das

áreas artísticas – que são preparados para lidarem com o despreparo escolar e em muitos casos o descaso ou a inexistência de sua área na grade curricular; a escola despreparada para o exercício da individualidade e do ócio criativo e o cerceamento da autonomia dentro do ambiente educacional.

A formação docente e o PIBID na escola

Na perspectiva da formação de docentes, um devido enfoque deve ser dado ao ambiente no qual estou inserido durante os dois anos de graduação: há um embate dentro da Universidade Federal de Pelotas com os ingressantes dos cursos de licenciatura que, em diversos casos, relatados através de diálogos entre eles, demonstram desinteresse ou trazem ainda uma visão de que a licenciatura, independente da área de atuação, não oferece possibilidades futuras – muitos, inclusive, não se veem atuando na área da licenciatura depois de formados.

Creio que tal postura seja oriunda do sistema educacional com o qual tiveram contato durante os anos de ensino médio e fundamental, não vendo a figura do professor como uma figura positivamente influente ou com uma devida importância. Há um estigma sobre a carreira docente, em especial a de escolas públicas, de que a figura do professor está ultrapassada e não condizente com as necessidades da nova geração de discentes. Estão as duas categorias – professores e alunos – em um conflito de insatisfações silenciosas, devido à falta de uma mudança estrutural.

Vivenciei durante o PIBID interdisciplinar tal experiência. Os alunos do Instituto Estadual de Educação Assis Brasil demonstravam apatia com a figura do professor e da própria sala de aula e viam no PIBID uma alternativa para que se gerasse um momento de descontração ou fuga da matéria com a qual teriam aula naquele período. Entrávamos em sala de aula, e o comportamento mudava completamente. Em um primeiro momento seguiam apáticos à nossa presença como professores, porém, no decorrer da atividade, ao negligenciá-la ou não, iam gradativamente mudando a sua postura, pois já não representávamos mais a figura da autoridade, mas a da descontração, do diferente e do próprio ócio criativo. E nesse ponto detenho uma análise mais sutil ao apontar que os momentos em que “não faziam nada” estavam experimentando a escola como um ambiente diferente, pois ela não estava executando suas tarefas mais criticadas pelos alunos: distribuição exaustiva de conteúdo, impedimento do diálogo e processos de avaliação sem as diferenças de especificidades de cada aluno.

Domenico De Masi e Oscar Wilde: reflexões sobre o ócio e o individualismo

É nesse ócio escolar que estabeleço aproximações com a obra de Domenico De Masi (2000) e aponto que a escola tem sido ao longo dos anos uma extensão do que é o ambiente de trabalho, em especial o do trabalhador braçal, que, em jornadas exaustivas, não encontra tempo para o desenvolvimento de si mesmo. Não lhe é permitido o ócio e nem mesmo para o melhor funcionamento do ambiente de trabalho, visto que se encontra diariamente cansado. Essa mesma escola, que se assemelha ao mundo do trabalho, não sabe ofertar ou até mesmo lidar com momentos de “vazio”, é uma instituição que não está preparada para lidar com a individualidade, com as concepções de ócio e entender que há formas de executar duas tarefas simultâneas: estudar para criar conhecimento e divertir-se para criar bem-estar. É uma instituição que necessita de um olhar mais cuidadoso para as suas próprias diretrizes e de uma reavaliação do que considera ócio; precisa entender que a proposta de Domenico De Masi tem muito a oferecer para uma mudança gradativa dentro do ambiente escolar e que através disso poderá alcançar um maior índice de satisfação em seus alunos. Porém, não cabendo unicamente a si tal tarefa, a escola necessitará de um amplo apoio – um apoio de estudantes e futuros docentes que estejam preparados para lidar com essas novas concepções de individualidade e ócio. Neste sentido, a experiência de troca do PIBID mostra sua importância.

Oscar Wilde escreve, no século XIX, em *A alma do homem sob o socialismo* (2003), que não há evolução senão rumo ao individualismo. Sobre tal preceito, abre-se aqui um diálogo acerca do papel da escola como instituição reguladora e, por isso, a força contrária ao desenvolvimento da individualidade dos alunos. É possível uma instituição de ensino, associada ao governo ou iniciativa privada, fornecer a seus alunos autonomia para que possam desenvolver a si mesmos? Os professores estão capacitados para sustentar o debate acerca deste assunto e instrumentalizar seus alunos para um desenvolvimento de suas individualidades? Ou estamos criando um conceito de autonomia gerenciada, na qual abordamos uma ideia superficial de liberdade e apenas conduzimos nossas aulas sob uma sensação passageira, na qual os alunos estão sendo supervisionados e avaliados no próprio exercício de desenvolvimento de suas características mais particulares? Onde nos encontramos nessa discussão enquanto alunos de um curso de licenciatura? Saberemos lidar com os novos rumos para a educação? Estamos

nos capacitando para fornecer ao aluno material e aporte para que ele possa com tais ferramentas buscar e desenvolver seu próprio conhecimento ou acabamos por utilizar as mesmas metodologias verticais que tanto criticamos?

Considerações finais

Acredito que o PIBID tenha sido um canal de suma importância para a elaboração dessas perguntas e a análise do nosso próprio comportamento enquanto docentes em formação. Percebo que o programa pôde levantar diversas perguntas sobre a nossa função como educadores: qual o papel desse novo professor dentro da sala de aula? Para quem e para que serve esse ambiente? E como nos inserirmos em tal contexto? É a partir dessas perguntas que traçaremos os paralelos entre a escola que temos e a escola que podemos aos poucos construir, sem deixar de voltar o olhar para a nossa própria instituição de ensino, a universidade. Estaria esta capacitada para formar professores que possam enfrentar essa mudança no comportamento dos alunos e nas necessidades de desenvolvimento social apontadas por Wilde e De Masi?

É uma resposta que durante os dois anos de graduação ainda não pude responder, porém espero que a partir da análise dos índices de insatisfação escolar e da nossa visão acerca da ruptura entre a relação aluno-professor possamos colocar em evidência os conceitos desses autores (ócio criativo e individualismo) e compreender as mudanças no comportamento da nossa própria geração, tanto no âmbito escolar quanto no mundo do trabalho.

Precisamos compreendê-las para dissociá-las e aplicá-las sem ocuparmos o posto de autoridade detentora do saber. Tornou-se necessário colocarmo-nos como um elo entre a necessidade dos alunos – estimulada pelo ócio criativo e desenvolvida pelo exercício de sua própria individualidade – e os conteúdos fundamentais para o seu desenvolvimento humano. Temos que estar disponíveis para nos moldarmos às distintas necessidades educacionais de nossos alunos; o conteúdo deve ser moldado para, por e pelo o aluno, e não o contrário.

Referências

DE MASI, Domenico. **O ócio criativo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

WILDE, Oscar. **A alma do homem sob o socialismo**. Porto Alegre: LPM, 2003.